



## A EMERGÊNCIA DE IDENTIDADE SOCIAL DE FAIXA ETÁRIA DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (PROJETO ALIB)

Marcela Moura Paim<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a emergência de identidade social de faixa etária através da documentação e análise de marcadores temporais recolhidos de inquiridos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). A partir da análise realizada, observou-se que os recursos linguísticos encontrados nas entrevistas demonstram que a identidade de faixa etária depende basicamente da categoria tempo, manifestando-se em dois pólos – o antes e o agora – visando às posições desejadas entre passado e presente.

Palavras-chave: linguagem; identidade social; marcadores temporais; terceira faixa etária.

### INTRODUÇÃO

A identidade social não é tomada como algo dado, inerente a um grupo ou indivíduo, como acontece muitas vezes no senso comum. Afinal, as identidades não são “algo peculiar a um grupo porque ele é naturalmente assim”. São, antes, construções “sempre e inequivocadamente realizadas como um trabalho simbólico dele, em sua cultura e com a sua cultura”. (BRANDÃO, 1986, p.110).

A postulada Teoria Social do Discurso por Fairclough em *Discurso e Mudança Social* (2001) foi utilizada para refletir sobre a questão da identidade social de faixa etária. Segundo o referido autor, o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Assim, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes.

Nesse sentido, o discurso é uma prática de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Tal prática focaliza, dentre os aspectos relativos aos efeitos construtivos, a construção, manutenção e projeção de identidades sociais. Em outras palavras, pode-se dizer que o discurso é o local onde as identidades sociais são estabelecidas.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Brasil(2007)  
Professor Adjunto II da Universidade Federal da Bahia, Brasil

Embora não configurem um tema preferencial para a área, as questões de identidade social têm sido estudadas também no campo da linguística. Com o fim de situar a perspectiva de identidade social adotada neste trabalho em relação a essas abordagens, foi tomado como base o trabalho de Hoffnagel (1999), considerado como exemplar para este tema. Demarcando uma perspectiva de análise na sociolinguística interativa, Hoffnagel (1999, p.81) comentando Ochs (1993, p.289) esclarece que:

a identidade social é formada de uma gama de *personae* sociais que pode ser invocada ou atribuída ao longo da vida, não sendo, portanto, fixa nem categórica, pois um indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes como faixa etária, sexo, profissão, etc, dependendo de com quem se está interagindo. (HOFFNAGEL, 1999, p.81)

Este trabalho focaliza uma das dimensões da identidade social: identidade de faixa etária na fala de informantes a partir de inquéritos das capitais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. A opção de se trabalhar com este *corpus* encontra-se no fato de este conter recursos linguísticos que revelam o estereótipo: “os tempos antigos eram sempre melhores” e que transmitem a construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária.

#### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas sociedades modernas, o indivíduo reveste-se/investe-se de múltiplas identidades, sendo inúmeros os traços disponíveis que permitem fundamentar atribuições de identidade social de faixa etária. A relação da linguagem com a identidade social é tratada como não sendo direta, mas mediada pela compreensão que os interlocutores têm das convenções que regem o desempenho de certos atos sociais e pela compreensão dos interlocutores de como atos sociais e servem como recursos para a estruturação de identidades sociais particulares.

Ser membro de um grupo social depende do conhecimento que os membros têm das convenções locais para a construção de identidades através de exposições de atos. Assim, a identidade social é concebida como um significado social complexo que pode ser destilado do significado dos atos que a constitui.

Hoffnagel (1999, p. 93) expõe a importância de esclarecer que embora alguns atos estejam intimamente associados com identidades sociais particulares, outros atos constituem recursos para a construção de uma ampla variedade de identidades sociais. Assim, a relação entre linguagem e uma identidade particular não é um simples mapeamento de formas linguísticas aos significados sociais.

Para a referida autora, as dimensões situacionais são ligadas através do que ela chama de valências sócio-culturais (expectativas, preferências, normas sociais). A realização de qualquer dimensão pode invocar ou requerer, por membros de comunidades particulares, outras dimensões situacionais culturalmente relevantes.

Neste sentido, a identidade de um indivíduo particular é composta por múltiplos elementos ou atributos que emergem na interação social. Identidade, portanto, não é categórica, nem é fixa, tendo em vista que um indivíduo, dependendo do que está fazendo

(a intenção) e de com quem está interagindo, pode destacar aspectos diferentes relacionados à faixa etária, à classe social, ao sexo, à profissão etc., numa dada situação. Em outras palavras, o indivíduo pode agir, atribuindo maior ênfase ao fato de ser jovem, ou de ser feminino ou ainda de pertencer à classe média. E essa atribuição de maior ou menor ênfase dependerá, em parte, do interlocutor real ou virtual com quem o falante/escritor está negociando sua identidade.

Conforme Preti (1991, p.75), existe no Brasil e praticamente em todo o mundo o aumento preocupante da população idosa. A respeito dessa situação, longe de os idosos merecerem uma maior atenção da comunidade, o que se nota é que a idade vem constituindo-se, cada vez mais, num fator crescente de discriminação social. A linguagem dessa faixa etária apresenta marcas específicas que podem ser vislumbradas nos campos prosódico, sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional. É nesse último campo – discursivo ou conversacional – que será evidenciado o estudo da categoria tempo no discurso dos idosos.

Considerando-se a questão da faixa etária, é possível afirmar que, a linguagem dos idosos pode ser estudada em três perspectivas que mantêm pontos de ligação e não são estáticas: a de caráter cultural, social e psicológico individual. Na perspectiva de caráter cultural, existe a concepção de que os idosos devem ter um papel específico na sociedade em que vivem, de acordo com a tradição cultural a que pertencem; na segunda perspectiva, a de caráter social, há a visão de que a sociedade possui uma postura em relação aos idosos e, de acordo com ela, processam-se as relações sociais entre os idosos e os demais grupos etários; e, por último, na perspectiva de caráter psicológico individual, encontramos a ideia de que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser.

Segundo Preti (1991, p.57), em geral, pode-se dizer que o levantamento das características peculiares à fala das pessoas mais maduras, nos diversos níveis de análise, mostra que as diferenças básicas entre essa linguagem e a dos falantes mais jovens residem muito mais na intensificação das características comuns a ambos, do que propriamente nos traços específicos. É o que ocorre com as repetições e suas várias espécies, como os anacolutos, com as parentéticas e, sobretudo, com as pausas, as hesitações e as autocorreções.

Conforme procura demonstrar Preti (1991, p.102), a linguagem dos idosos apresenta interferência de fatores naturais, psicofísicos (maior lentidão das reações na comunicação ativa ou receptiva, os problemas de audição e memória) e a outros de natureza sociocultural, como a situação estigmatizada dos velhos na sociedade contemporânea, o que lhes acarreta uma insegurança manifestada em todos os atos de sua vida e, muito particularmente, no seu discurso. Mas, estas variações dos processos de repetição e nas autocorreções – que interferem na fluência do discurso de pessoas mais velhas – são mecanismos estratégicos que elas utilizam para compensar problemas de disfluência que ocorrem ao nível prosódico e para os quais esses falantes não têm solução, assim tais recursos permitem aos idosos sustentar o andamento da conversa, isto é, apesar de tudo, seu discurso é levado adiante.

Preti (1991) apresenta, em seu trabalho, o resultado de uma pesquisa com falantes acima de 80 anos, “os Idosos Velhos”, limitando as citações de sua obra a apenas um diálogo entre dois informantes (de sexo feminino – 85 anos e de sexo masculino – 81 anos), apesar de ter feito 25 entrevistas sobre os temas: vestuário e diversões. Assim, o autor

subdivide os idosos em: os “idosos jovens” com 60 a 80 anos, e os “idosos velhos” com mais de 80 anos, faixa etária a partir da qual é mais frequente a consciência da velhice.

Os lapsos de memória constituem um dos problemas mais importantes para a perda do ritmo normal na fala de pessoas mais velhas juntamente com a rememoração do passado que faz parte da própria organização do discurso do idoso e é feita por meio de vários tipos de informação, que vão desde as datas constantemente citadas para situar o que os falantes chamam de “nosso tempo”, até as indicações de lugares, menção a objetos, valores monetários, marcas comerciais, pessoas, instituições, acontecimentos públicos situados no passado. Essas informações pertencem à história da vida de cada um dos falantes; em geral, trata-se de uma experiência compartilhada por ambos e, às vezes, podem ser citadas incompletamente, porque pressupõe o conhecimento do ouvinte.

As informações sobre o passado, que transparecem constantemente no discurso do idoso, muitas vezes, são expressas por um léxico em que aparecem vocábulos, expressões, estruturas formulaicas, formas de tratamento, relacionados com sua época. Neste sentido, podemos dizer que as categorias espaço e tempo podem transparecer nas seguintes marcas lexicais: arcaísmos (utilização de vocábulos, formas de construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes), arcaísmos gírios (vocábulos que têm referentes limitados no tempo e oferecem, não raro, sérias dificuldades de compreensão para os ouvintes mais jovens, podendo ter significados diversos em outras épocas e lugares), expressões formulaicas (são as frases-feitas, provérbios, refrões, expressões que, muitas vezes, remontam à sua infância e a melodia e a rima que, não raro, as acompanham, favorecem a permanência na memória) e as formas de tratamento (que constituem um dos índices sociolinguísticos mais expressivos, para evocar as relações sociais entre falante/ouvinte).

Embora haja algumas marcas lexicais do tempo, na fala das pessoas mais velhas especialmente, é preciso reconhecer que nem por isso essa linguagem se tornou ininteligível aos mais jovens, mesmo porque os próprios idosos se encarregam de buscar artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formulaicas fora de uso, a gíria de seu tempo. E são esses artifícios que constituem precisamente as marcas mais expressivas da linguagem desse “grupo social”.

O passado como fonte tópica, como regulador da estrutura tópica discursiva, pode fornecer outras pistas para a compreensão da linguagem dos idosos. De fato, fatores culturais agem sobre esses falantes, levando-os a estruturarem seu discurso dentro de parâmetros diversos dos realizados pelos falantes de outras faixas etárias.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A observação da construção, manutenção e projeção da identidade social de falantes da primeira e da segunda faixa etária foi feita através dos inquéritos das capitais brasileiras do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), – empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento que tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, desde começo do século XX, sendo retomado em 1996, a partir de iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras.

Inicialmente, o Comitê Nacional do Projeto ALiB, dada a natureza do trabalho dialetal, buscou organizar-se com pesquisadores que tivessem experiência em

Geolinguística, a fim de fixar, com precisão, critérios para cada etapa e assim alcançar os caminhos da homogeneização nacional sem ferir as liberdades regionais. Neste particular, estabeleceu critérios que estão sendo seguidos por todos os Diretores Científicos nas localidades e estados sob a coordenação de cada um deles.

Os pesquisadores do Projeto estão conscientes de que os estudos geolinguísticos na atualidade não podem buscar apenas a identificação da variação diatópica, mas, tanto quanto possível, devem apresentar e analisar também outros aspectos da variação, entre os quais se destacam a diastrática, a diageracional, a diagenérica ou diassexual, a diafásica e a diarreferencial. Dessa forma, procederam (i) ao estudo do número e perfil dos informantes que constituirão a amostra linguística, (ii) ao estudo da rede de pontos a ser pesquisada, (iii) e à preparação e aplicação dos questionários linguísticos — instrumento básico em pesquisas dessa natureza — nas 25 capitais e em 225 localidades do interior.

De referência ao questionário linguístico deliberou-se pela aplicação de três tipos de questionários direcionados, especificamente, cada um deles, para os aspectos: (a) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical - 202 perguntas; e (c) morfossintático - 49 perguntas.

A esses três tipos de questionários, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal -, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura - a “Parábola dos sete vimes”.

Dos questionários, publicou-se uma primeira versão, em 1998, a fim de atender a solicitações de pesquisadores interessados em conhecer e testar esse instrumento da metodologia do ALiB e propiciar as aplicações de caráter experimental previstas e realizadas em diferentes pontos do país. A partir do que revelaram esses inquéritos procedeu-se a uma análise crítica e à reformulação dos questionários com vistas à elaboração da versão final a ser aplicada em todo o território nacional. Essa versão foi publicada pela Universidade Estadual de Londrina, em 2001.

Para todas as áreas de investigação do ALiB, foram fixados parâmetros metodológicos. No que se refere aos informantes, priorizam-se o gênero (sexo) e a faixa etária. Apenas nas capitais de Estado, as diferenças quanto à escolaridade são levadas em conta, admitindo-se informantes de diferentes graus, variável que, por consequência, mostrará, nessas áreas, também diferenças diastráticas.

Para contemplar as variáveis gênero e faixa etária, nas capitais dos Estados, estão sendo interrogados em cada ponto oito informantes, quatro de cada sexo, em duas faixas etárias que representam os mais jovens (de 18 a 30 anos) e os mais velhos (de 50 a 65 anos). Como é a norma em trabalhos desse tipo, os informantes devem ser naturais da região linguística pesquisada, da qual não se tenham afastado por mais de 1/3 de suas vidas. Seus pais devem ser, preferentemente, da mesma região linguística que eles.

Para minimizar as interferências linguísticas de outras áreas – pelo menos em termos de contato pessoal, já que a presença dos meios de comunicação promove, hoje, o conhecimento das mais distantes regiões e, conseqüentemente, de diferentes variantes –, pretende-se evitar também os informantes cuja ocupação ou profissão requeira grande mobilidade (como, por exemplo, caminhoneiros, militares, etc.). Além disso, para que o informante seja um bom representante da comunidade em que vive, ele deve estar inserido no contexto social, com endereço e profissão definidos.

Para este trabalho adota-se a nomenclatura marcadores temporais para referir-se a palavras indicadoras de circunstância relativa a participantes localizáveis no tempo. Tais marcadores podem apresentar-se em dois grandes grupos identificados com as seguintes denominações: marcadores temporais de estrutura pontual, constituídos apenas de uma palavra – como em: “[...] **Hoje** se chama *blush*, no meu tempo era *rouge* [...]”. (Projeto ALiB/Salvador, Mulher, Faixa Etária 2, Nível Superior) – , e marcadores temporais de estrutura fraseológica, constituídos de mais de uma palavra – como em: “[...] Minha vida bem dizer foi (dentro) de Mato Grosso ali na... daqui de Campo Grande mexendo com árvore e tirando entulho, lixos, entendeu? No fundo de quintal, jogando. Só que essa limpeza na cidade.. porque parou né de... **hoje em dia** a gente num pode ir cortar uma árvore e jogar num terreno vazio, entendeu?... num pode que dá multa pra gente e pro dono da... porque o prefeito fez isso” (Projeto ALiB/Campo Grande, Homem, Faixa Etária 1, Nível Fundamental) e “[...] **quando eu tinha até uns onze anos**, aqui em Goiânia tinha coisa assim, um costume ... de ir aos clubes, e hoje os clubes, assim, eles tão depredados. Porque num existe mais clube aqui em Goiânia, num existe isso mais, entendeu? Porque hoje... o povo vai pros hotéis fazenda” (Projeto ALiB/Goiânia, Mulher, Faixa Etária 1, Nível Superior).

Nas análises realizadas para este trabalho, buscou-se identificar apenas as frequências de uso dos marcadores temporais pontuais nos informantes em relação à faixa etária, ao gênero e à escolaridade. Assim, além dos dados quantitativos sobre o fato linguístico em estudo, os exemplos apresentados mostram como os informantes tendem a buscar, no arquivo da memória, fatos para ilustrarem suas ideias, acumulando uma preciosa documentação da longa “viagem no tempo” a que costumam entregar-se durante a conversação.

#### ANÁLISE DO *CORPUS*

A análise da relação linguagem e identidade social de falantes pertencentes às faixas etárias 1 e 2 das capitais do Projeto ALiB foi feita na base de postulados teóricos e com base na análise dos dados empíricos do seguinte gênero da modalidade oral: 200 inquéritos linguísticos de informantes masculinos e femininos.

Dessa forma, foi analisado na atividade discursiva falada como os falantes das referidas capitais representam o jogo passado X presente em seus discursos, ou seja, quais as pistas que emergem durante a interação, através da utilização dos marcadores temporais de estrutura pontual os quais fazem com que seja percebida a identidade social dos informantes.

Nas análises realizadas, as frequências de uso dos marcadores temporais pontuais nos informantes em relação à faixa etária encontram-se na tabela a seguir.

**TABELA 1. Marcadores temporais pontuais segundo a faixa etária nas capitais do Projeto ALiB.**

Marcadores temporais pontuais	
Faixa etária 1 (de 18 a 30 anos)	33,71%
Faixa etária 2 (de 50 a 65 anos)	66,29%

Os dados analisados do *corpus* do Projeto ALiB mostraram que os informantes da faixa etária 2 utilizaram mais os marcadores temporais de estrutura pontual com referência ao presente e ao passado do que os informantes da Faixa 1, com os percentuais de 66,29% e 33,71%, respectivamente, podendo-se, confirmar a hipótese de que tal fenômeno se dá principalmente na Faixa etária 2. Para contextualizar o fenômeno em estudo, seguem os exemplos 1 e 2:

**Exemplo 1:**

INQ.- E aquela inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho, amanheça grudado?

INF.- Aqui é chamado de dor d'olho... alguns fala conjuntivite por aí, né? Mas o pessoal...

INQ.- ... mas aqui é...

INF.- ... mas *antigamente* era dor d'olho, *agora* que tá mudando, chama conjuntivite. Conjuntivite, que o povo fala, né?

INQ.- Ahã.

INF.- Mas é dor d'olho. (Cuiabá, Homem, Faixa etária 1, Nível Superior)

**Exemplo 2:**

INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses, né? Como é que se chama isso?

INF.- Aqui pra nós é tudo menstruação né?

INQ.- Isso. Tem algum nome mais folclórico, mais popular... Que a gente falava quando era mais mocinha... Hoje eu tô do quê? O que que veio pra mim...?

INF.- (risos) Aí não..., *antigamente* a gente, quando tava menstruada lá muito, nos anos de guaraná de rolha, né (risos)

INQ.- Guaraná de rolha é bom!

INF.- A gente falava assim: "Ixe, eu tô de chico" (risos) que eu achava o máximo, né!

INQ.- É isso mesmo. No meu tempo também.

INF.- Aí que horror né. *Agora* cê fala menstruação é mais assim delicado né! (risos). (São Paulo, Mulher, Faixa etária 2, Nível Fundamental)

Esses exemplos denunciam, por meio da seleção lexical diageracional, a noção de temporalidade em que o discurso foi produzido. O primeiro exemplo pertence ao discurso de informante da primeira faixa etária e o segundo exemplo da segunda faixa etária. Nos dois exemplos, o papel da memória é tradicionalmente valorizado, assim como as lembranças dos informantes constituem patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com outras pessoas, sejam crianças ou adultos, inclusive, chegando a opor as designações lexicais do passado e do presente ou ainda, no caso dos

informantes jovens, revelando a consciência de que antigamente se falava de forma diferente.

Em seus discursos, os informantes das duas faixas etárias apresentam uma comparação de caráter temporal em relação às denominações para conjuntivite e menstruação por meio de estruturas pontuais que remetem ao passado e ao presente como *antigamente* e *agora* respectivamente. Os dois depoimentos, por meio da organização temporal em dois pólos – o antes e o agora – apontam para o entendimento de que a vida mudou e junto com ela também os itens lexicais para se referir à inflamação que dá nos olhos e faz com que eles amanheçam vermelhos e grudados e ao fato de as mulheres perderem sangue todos os meses.

Quanto ao uso dos marcadores temporais relacionados ao gênero, a tabela abaixo demonstra os resultados obtidos:

**TABELA 2. Marcadores temporais pontuais segundo o gênero nas capitais do Projeto ALiB.**

Marcadores temporais pontuais	
Homens	50,65%
Mulheres	49,35%

Em relação ao gênero, observou-se a predominância dos homens, com 50,65%, em relação às mulheres, 49,35%, em relação ao uso de tais marcadores temporais, embora a diferença não seja tão marcante, como demonstram os percentuais bem próximos, revelando que há um equilíbrio no comportamento linguístico dos homens e das mulheres no que se refere à utilização dos marcadores temporais pontuais. Os exemplos 3 e 4 contextualizam as ocorrências:

**Exemplo 3:**

INQ.- Depois de uma certa idade acaba o boi né? Quando isso acontece, diz que a mulher?

INF.- É, a mulher ficou na menopausa né? Menopausa.

INQ.- Não tem outro nome?

INF.- Não. Iss'aí, iss'aí eu entendo de menopausa *agora*, há poucos tempos aí que eu já, já, já conhecia já coisa, mas, *antigamente* dizia que ela, a mulher ficou falhada, o pessoal falava (risos), falhou a mulher (risos). Mulher ficou falhada.

CIR.2.- É verdade.

INF.- É, na menopausa é que não dá mais cria né, não dá (risos), é, falar o português claro, falando que num deu mais cria, então ele falava lá o pessoal: “Pô, a minha mulher está falhada, não dá mais nada.” (risos) (Florianópolis, Homem, Faixa etária 2, Nível Fundamental)

No exemplo 3, o informante faz escolhas lexicais que se relacionam com sua época. Para isso, ele organiza o discurso por meio dos marcadores temporais pontuais *agora* e *antigamente*. Assim, nesse caso apresentado, a seleção lexical denomina tanto o ato quanto o efeito de selecionar, dessa forma, o elemento lexical selecionado só é pertinente dentro da dinâmica da definição lexical nas condições de produção do texto falado, e não como um dado desvinculado do percurso enunciativo. Sob esse ponto de vista, a



abordagem da seleção lexical situa-se, portanto, no âmbito dos estudos que se voltam aos mecanismos da produção, aos processos pelos quais, nas circunstâncias temporais e espaciais determinadas, a língua é posta em funcionamento.

**Exemplo 4:**

INQ.- E o que nós usamos antes da calça?

INF.- A calcinha.

INQ.- Também tem outro nome? Pros nativos?

INF.- Ah, num era calçola, chamavam mais calçola né? Calcinha é mais uma expressão mais recente. Era calçola.

INQ.- E as meninas? E as meninas, quando vão comprar pedem calçola ou calcinha?

INF.- Ah, as meninas pedem calcinha, pedem tanga né, as meninas já pedem específico de acordo com o modelo que elas querem né? Não vão pedir calçola, porque *hoje* as meninas vêm calçola como a calça grande da senhora idosa (risos). Desse tamanho, então eles dizem que é a calça da vovó.

INQ.- (risos) da vovó... (Florianópolis, Mulher, Faixa etária 2, Nível Superior)

**Exemplo 5:**

INF.- “A terminologia chapa e cruz eh... eu pesquisei muito, num encontrei nada que desse uma coisa com bastante certeza. Mais deduz-se que a... usavam na época da escravatura muito... porque *hoje* nós temos a nossa certidão de... nascimento, de casamento, de óbito até, né? Nós temos o nosso cique (CIC), *hoje* nós somos mais número de que nome, né? Certo? E... no tempo da escravatura usava-se uns patações, um tipo de chapa mesmo pra identificar os escravos, entendeu?” (Cuiabá, Mulher, Faixa etária 2, Nível Superior)

Conforme demonstram os exemplos 4 e 5, os informantes de faixa etária mais avançada têm, quase sempre, uma tendência muito grande para se tornarem contadores de histórias. Explica-se facilmente esse fato: há um destino educativo no seu papel social e para cumpri-lo existe uma exemplificação farta acumulada ao longo de sua vida. Assim, quando é dada aos falantes de faixa etária mais avançada a oportunidade de interagir naturalmente com outros falantes, eles têm a tendência de falar muito, lembrando nas narrativas a sua experiência e revelando muita habilidade em montar o seu discurso, a partir da utilização dos marcadores temporais, o que faz com que muitas vezes o seu interlocutor classifique esse discurso como “conversa de velho”.

Nesses casos, percebe-se que o discurso opera, então, como mediador entre as realidades individuais e a realidade cultural e social mais ampla na qual se está inserido, sendo, portanto, por meio dessa forma discursiva que o indivíduo se constrói como parte do mundo no qual vive. Nesse sentido, as informante relatam uma experiência vivenciada no passado, utilizando como ancoragem temporal os marcadores de estrutura pontual.

No tocante à presença de marcadores temporais conforme o nível de escolaridade dos informantes, a tabela seguinte fornece as seguintes informações:

**TABELA 3. Presença de marcadores temporais pontuais segundo o nível de escolaridade nas capitais do Projeto ALiB**

Marcadores temporais pontuais	
Nível fundamental	49,84%
Nível universitário	59,16%

Na variação diastrática, os dados também mostraram equilíbrio no uso dos marcadores temporais de estrutura pontual em referência ao presente e ao passado entre os indivíduos tanto de nível universitário, com 59,16%, quanto os de nível fundamental, 49,84%. Para melhor visualização da atuação desse fenômeno, os exemplos 6, 7 e 8 exibem o discurso dos informantes:

#### Exemplo 6:

INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses, né? Como é que se chama isso?

INF.- É menstruação, né?

INQ.- Tem um mais comum? Pode falar.

INF.- Não, ma, o nome *antigamente* é muito feio.

INQ.- Fala!

INF.- Regras. (Belo Horizonte, Homem, Faixa etária 2, Nível Fundamental)

#### Exemplo 7:

INQ. – Como é a cidade aqui em termos de festa?

INF. – Em termos de festa, como é? Eles con... continuam comemorando quase do mesmo jeito, só que, houve, assim, por exemplo, com o progresso, né? Aí, eles, houve assim umas mudanças, como as festa juninas, eles já não comemoram assim, com os trajes de *antigamente*, eles mudaram os trajes, os trajes tão mais sofisticados, né? Quer dizer, eles não... não conservaram, né, a tradição, né? Mas as festas eles continuam comemorando no mesmo estilo. A festa do Natal é que eles tão ma, tá se resumindo *agora* quase só em família, né? Porque *antigamente* tinha, assim, eles colocavam brinquedos na praça, né? Que o pessoal ia muito ali pra praça, a praça que tem aí no centro, da Catedral, ali eles colocavam muitos brinquedos e com bares, alguma coisa, onde as crianças iam com os pais, né? Mas *hoje* já num tem mais isso. Está se resumindo só a... família mesmo. (Curitiba, Mulher, Faixa etária 2, Nível Superior)

#### Exemplo 8:

“Mulher da vida. *Antigamente*, era mulher sem-vergonha... Quase num fala mais, né? *Agora* é mais chique mulher da vida, prostituta.” (Campo Grande, Mulher, Faixa etária 2, Nível Superior)

Nos exemplos 6, 7 e 8, a relação passado X presente pode ser visualizada a partir da oposição lexical exposta pelo informante. Os informantes utilizam estrutura pontual do passado, como *Antigamente*, para fazer um paralelo com o presente através da utilização das estruturas pontuais *hoje* e *agora*.

Diante do exposto, vale salientar que o discurso dos informantes mais velhos não difere fundamentalmente daquele dos falantes de outras faixas etárias, no que se refere à utilização das narrativas conversacionais. No entanto, elas se apresentam com grande frequência no contexto interacional, dada a tendência natural das pessoas idosas de se

tornarem contadoras de histórias e de estabelecerem comparações entre passado e presente.

Observa-se que esses falantes, no sentido de valorizarem “seu tempo” ou de se mostrarem integrados na sociedade em que vivem, escolhem com habilidade o inusitado de suas narrativas e avaliam seus pormenores em função das necessidades da interação verbal, considerando os próprios valores e os do ouvinte ou audiência.

Enfim, utilizando-se da categoria tempo, o discurso dos informantes da faixa etária do Projeto ALiB demonstra o quanto a vida desses falantes permanece centrada no passado. Buscando no arquivo da memória fatos para ilustrarem suas ideias, os informantes vão acumulando uma preciosa documentação da longa “viagem no tempo” a que costumam entregar-se durante a conversação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se mostrar como os marcadores temporais pontuais, utilizados na atividade discursiva falada, constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em inquéritos das capitais do Projeto ALiB, ao qual este trabalho está vinculado, por meio do desenvolvimento dos estudos das variações diageracionais, diagenéricas e diastráticas, proporcionando a constituição de um banco de dados de marcadores temporais pontuais que fornecerá material de análise a pesquisadores de diversos níveis.

Nesse sentido, observou-se que as identidades sociais de faixa etária estão devidamente documentadas nos dados do Projeto ALiB. Não obstante a necessidade de se fazerem outras investigações com vistas ao aprofundamento e, eventualmente, ao redirecionamento de elementos do referencial teórico-metodológico, já é possível observar que a presente abordagem pode trazer um aporte significativo para o estudo dos marcadores temporais na Dialectologia, contribuindo para a descrição do português brasileiro, principal meta norteadora do ALiB.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001. 47p.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. A emergência de identidades na atividade discursiva falada e escrita. In: MOURA, Denilda (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: [s.n.], 1999. p. 80-94.

OCHS, Elionor. Linguistic resources for socializing humanity. In: GUMPERZ, Jonh. & LEVINSON, Stephen. (Org.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press 1996. p. 407-437.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

## THE EMERGENCE OF THE AGE-GROUP SOCIAL IDENTITY OF THE LINGUISTIC ATLAS PROJECT OF BRAZIL (ALIB PROJECT)

### ABSTRACT

This paper presents a study about the emergence of the age-group social identity through documentation and temporal markers collected from inquiries of the Linguistic Atlas Project of Brazil (ALiB Project). Starting from the analysis performed, one could observe that the linguistic resources found in the interviews show that the age-group identity depends basically on the time category, clearly shown in two poles – the *before* and the *now* – aiming at the desired appositions between past and present.

KEYWORDS: language; social identity; temporal markers; third-age groups

**Recebido em 04 de junho de 2012; aprovado em 11 de julho de 2012.**